

Plínio Bortolotti
Jornalista

A vida e as palavras do homem cuja trajetória e ideias são mais interessantes do que faz crer

Frustra-se quem espera ver em Plínio Antônio Bortolotti nada mais do que um estereótipo do homem sério de fala firme. A risada não chega a ser fácil, mas também não é tão difícil quanto se imagina. A voz surge sempre limpa, clara, com a fala pausada e envolvente de quem sabe comunicar. E Plínio sabe. Faz isso durante toda a vida.

O jornalista, diretor institucional do Grupo O Povo, surgiu quase que por acaso. Não há, na trajetória de Plínio, uma história mirabolante de chamado para a profissão que exerce hoje. Não é assim que a vida funciona. Dos tantos caminhos que poderia ter trilhado, acabou justamente nesse negócio esquisito chamado jornalismo. Mais esquisito ainda é ver a figura correta, calma e responsável e pensar ser o mesmo que, aos 40 anos, resolve mudar de profissão, deixar para trás o trabalho como bancário e embarcar em uma redação.

Nascido em Pirangi, no interior de São Paulo, mas inegavelmente fortalezense, até dorme de rede. Encontrou no Ceará uma moradia, lugar para assentar, firmar raízes e crescer. Não esconde a alegria ao falar da cidade que o escolheu para abrigar. O sorriso corta a boca, as sobranceiras erguem-se, a gargalhada finalmente vem ao falar das aventuras de paulista recém-chegado no local que, embora ainda não soubesse, não deixaria mais de ser o lar dele. Quem diria que esse sol escaldante e o calor infernal seriam capazes de encantar alguém? Mas encantaram.

Durante a maior parte desta entrevista, concedida dentro dos muros da universidade, Plínio fala sério. Não com a seriedade chata de quem não se empolga com a vida, mas sim com a de quem tem segurança do que fala e faz. Há muita modéstia ali, na voz de quem acredita ter uma vida desinteressante,

embora durante nosso tempo juntos tenha se mostrado completamente incapaz de provar tal afirmação.

Mas o que faz de Plínio uma figura tão interessante? Se ouvirmos com bastante atenção, no fundo do timbre de sua voz é possível ouvir um homem apaixonado pelo que faz. Pode não transparecer da forma mais óbvia, mas a empolgação ao falar de jornalismo é inegável. Demonstra orgulho das boas matérias que fez durante o curto período como repórter, não apenas por serem dele, mas por ver no trabalho uma forma de contribuir positivamente com algo tão importante como o direito à informação de todos.

Plínio é um jornalista completo porque sua preocupação vai muito além das palavras. Sabe que boa comunicação vai muito além de apenas um texto com qualidades. Para fazer um bom jornal, é preciso seguir regras. É nesse momento que vemos a experiência de quem passou tantos anos exercendo o burocrático trabalho de bancário. Cita os termos, aponta para onde devem ficar ou sair, estabelece critérios e exige o cumprimento. Jornalismo não é só falar e escrever bem. É um campo do conhecimento. É ciência. Jornalismo é aquilo sobre o qual Plínio fala com tanta propriedade.

Mais do que uma vida interessante, Plínio tem muito de interessante a ser dito para todos. Porque o Jornalismo que vemos sair de sua boca, tomar forma no ar, entrar pelos nossos ouvidos e invadir nossas mentes é muito mais do que palavras imprensas em um papel. Mais que a voz do radialista ou a postura do apresentador. É mais que o que vemos através de uma tela. O Jornalismo do qual Plínio fala é muito mais. E poucos conseguem, como ele, explicar o que é esse "mais".

Equipe de Produção:
Giulianne Batista
Igor Cavalcante

Entrevistadores:
Ana Beatriz Farias
Camila Soares
Felipe Autran
Giulianne Batista
Igor Cavalcante
Larissa Wenya
Letícia Alves
Lucas Barbosa
Messias Borges

Texto de abertura:
Felipe Autran

Fotografia:
Raquel Amapos



Entrevista com Plínio Bortolotti, dia 30 de abril de 2015.

Giulianne – Plínio, você é paulista, da cidade de Pirangi (SP), e ainda criança foi morar com a família na cidade de Fernandópolis, também interior de São Paulo. Aos 18 anos, resolveu sair da casa dos pais para viver sozinho na capital paulistana. Segundo você mesmo, estava em busca de “outras perspectivas”. Que perspectivas eram essas, o que você procurava em São Paulo e o que de fato você encontrou por lá?

Plínio – Tem um teórico de comunicação, Walter Lippmann (*norte-americano, 1889-1974*), que diz que aquilo que você vê é uma mistura daquilo que a coisa é e daquilo que você espera encontrar. Quem é de uma cidade do interior aqui, qualquer que seja ela, deve saber que é uma coisa assim... Um pouco sufocante. Na cidade do interior você tem poucas perspectivas, de modo geral, principalmente para uma pessoa que é jovem e começa a perceber algumas coisas e a questionar algumas coisas. Eu queria ver algumas coisas diferentes, queria continuar estudando, não sabia o que queria fazer ainda. Então, a perspectiva que a gente... Como em todo lugar, como um jovem daqui do interior do Ceará, quando ele pensa em sair da sua cidade, ele pensa em vir para a capital. Então foi isso; eu queria estudar, queria ver coisas diferentes, como as coisas se passavam fora de uma cidade pequena e acho que era próprio da juventude da época. Hoje os meninos gostam de morar na casa dos pais até uns 30 ou 35 anos, mas, quando eu era jovem, uma das aspirações das pessoas mais jovens era sair da casa dos pais para ter uma vida independente.

Ana Beatriz – Você considera que encontrou o que procurava?

Plínio – Acho que a gente nunca encontra o que a gente procura, mas algumas coisas eu encontrei, algumas respostas eu encontrei, e percebo isso quando volto para minha cidade e, por exemplo, vejo a diferença das pessoas que ficaram lá e das coisas que eu pude perceber no conviver em uma cidade como São Paulo. Por exemplo, eu saí do interior com 16, 17 anos. Você sai com vários preconceitos, com uma visão de mundo muito estreita... Se você tem essa possibilidade, essa abertura para o novo, e se você não for muito burro – que acho que é o meu caso – você acaba aprendendo alguma coisa.

Bom, eu tive também, pode-se chamar sorte. Mudei para São Paulo em 1975. Em 1976, teve a primeira passeata estudantil depois da ditadura (*período das passeatas estudantis que visavam à reconstrução da União Nacional dos Estudantes. Apesar de falar que o momento é pós-ditadura, Plínio se refere à primeira passeata nos anos 1970, já que a ditadura só termina em 1985*). Em 1978, teve a primeira greve do ABC (*refere-se à primeira grande greve de operários metalúrgicos na região de Santo André, São Bernardo e São Caetano, conhecida como o Grande ABC, deflagrada por reajuste salarial e melhores condições de trabalho*) e eu vi tudo isso, essa efervescência da sociedade. E isso ensina alguma coisa para a gente. Eu vivia com pessoas que estavam fundando o movimento negro, o movimento das mulheres, a questão do comportamento, da diversidade e dos homossexuais. Eu vivia nesse caldeirão e ainda conseguia trabalhar. Você vai vendo essas coisas surgirem e isso é uma perspectiva diferente para você, na sua vida, de como você vê as coisas.

Letícia – Antes de ir para a capital de São Paulo, você já trabalhava em Fernandópolis. Começou a trabalhar cedo, com 14 anos. Quando se mudou para a capital, trabalhava e estudava. Isso, de sempre ter trabalhado, era influenciado por fatores econômicos ou por essa busca pela independência?

Plínio – Eu comecei a trabalhar mesmo com dez anos de idade. Meu pai gerenciava um pequeno armazém; armazém é uma coisa entre uma bodega e um supermercado, em São Paulo. Com dez anos eu ficava ali atendendo no balcão. Aliás, eu comecei a ler jornal ali. O pessoal comprava jornal para embrulhar compras e eu fazia entrega na bicicleta, naquelas de carga. Com dez anos eu nem alcançava o chão direito! Com 14 anos eu fui trabalhar de *boy*, um mensageiro. Fiquei trabalhando quase dois anos informalmente e com 16 anos tive meu primeiro registro em carteira.

Por que eu trabalhava? Primeiro, porque a situação da minha família não era maravilhosa. Meu pai gerenciou esse armazém, depois deixou de fazer isso e tinha uma vida difícil, então meu trabalho servia. Apesar de a gente se considerar de classe média – eu sempre digo que classe média é um estado de espí-

Encontro entre os produtores Giulianne Batista e Igor Cavalcante e o convidado foi marcado três semanas antes da entrevista. No primeiro contato, Plínio alerta: “Se minha pessoa pública é desinteressante, minha vida pessoal é menos (*interessante*) ainda”.

“Querida começar dizendo que não tenho nada de extraordinário para contar para ninguém”, reforça Plínio Bortolotti ao iniciar a segunda entrevista da *Revista Entrevista*, edição 34.

Camisa azul clara, calça jeans, bota meio cano. É assim que Plínio chega ao estúdio de TV do curso para conceder entrevista. Após a entrevista, os alunos ficaram se perguntando por que ele sempre se veste assim.

rito, não é uma questão financeira –, a gente tinha uma vida bastante difícil do ponto de vista financeiro. Eu trabalhava, meu irmão mais velho trabalhava e a gente contribuía em casa num caixa comum administrado pelo meu pai e ele dava uma grana para a gente eventualmente. Acho que essa vontade de ser independente também partiu disso. Eu não digo que isso tenha me feito mal, o fato de eu ter trabalhado desde pequeno. Talvez eu tivesse tomado outro rumo na vida se eu não tivesse começado a trabalhar desde pequeno. Também não era tão incomum assim as pessoas trabalharem ainda que tivessem um pouco de dinheiro. Foi essa mistura de coisas que me levou a trabalhar.

Quando eu fui para São Paulo, fui sem ajuda nenhuma, tinha de me virar. Meu pai não tinha como mandar dinheiro. Não tinha a mínima possibilidade de ele me mandar um valor que pudesse me sustentar em São Paulo sem eu trabalhar. Mínima possibilidade! Foi essa mistura de coisas que me levou ao trabalho precoce.

Larissa – Mesmo sem saber qual profissão seguir ou sem ter uma ideia ainda de qual rumo tomar, quando você mudou para São Paulo, já tinha algum projeto de vida, alguma meta?

Plínio – O meu projeto de vida era sair dali. Eu nunca fui de planejar: “Ah, hoje eu quero fazer isso, amanhã quero fazer aquilo”, até hoje eu sou assim. As coisas vão chegando ao seu tempo, eu percebo isso. Nunca disse que nem aquele pessoal que conta a vida por aí: “Ah, desde pequenininho eu queria ser um grande industrial, comecei juntando dinheiro no cofrinho...” Não. Eu nunca planejei desse modo minha vida. Nunca! Quando eu saí de lá (*Fernandópolis*), só queria três coisas:

“Querida três coisas: a primeira era sair (de Fernandópolis). A outra era ter uma independência absoluta. A terceira era, de algum modo, continuar estudando”.

O pai do entrevistado batizou os três filhos homens com o próprio nome. São eles Plínio Antônio, Plínio Paulo e Plínio Carlos. Plínio Antônio Bortolotti é o único da família que mora no Ceará.

a primeira era sair. A outra era ter uma independência absoluta. A terceira era, de algum modo, continuar estudando. Sempre gostei de estudar. Digo que, se não tivesse trabalhado cedo, talvez minha vida tivesse outro rumo é porque talvez eu me transformasse em um acadêmico, num professor, num estudioso, porque sempre gostei de estudar, mas isso exige dedicação quase que integral e eu não tinha como fazer isso. Mas agora fiquei me lembrando...O jornal, de certo modo, sempre esteve presente na minha vida. Quando meu pai gerenciava o armazém, ele comprava jornais por quilo, já lidos, e ficava aquele pacote de jornal. Às vezes eu tinha de arrumar aquilo, fazia aquelas pilhas direitinho que ficavam em cima do balcão e eu ia lendo. Tinha umas coisas muito fantásticas que eu lia; até as peças de teatro que estavam em cartaz. Eu achei um negócio fantástico, achei um autor de peça de teatro – eu devia ter uns 12 ou 13 anos – que se chamava Plínio Marcos (*Plínio Marcos de Barros, dramaturgo e jornalista paulista, 1935-1999*), que era meu xará e eu lia, falando daquele cara e depois eu pude ver as peças dele, pude conhecê-lo quando fui para São Paulo. Tem um amigo meu que diz que não existe coincidência, existe sincronicidade, mas eu não acredito muito nisso. Eu não tinha um plano, meu plano era me mudar, ser independente e estudar.

Messias – Quando chegou a São Paulo, você teve algum estranhamento, algum choque? Como foi a adaptação?

Plínio – Eu tive. Eu tinha ido uma vez a São Paulo, há muito tempo junto com meu pai, e não tinha noção do que era a cidade. São Paulo causa um impacto muito grande. Minha cidade (*refere-se a Fernandópolis, onde cresceu*) fica a 550 km (*da capital*). Na época a gente viajava de ônibus nessas rodovias. Hoje as estradas são todas de pistas duplas, na época era pista única, você viajava em ônibus ruim, sem banheiro, eram oito horas dentro de um ônibus. Então você já chegava meio entorpecido. Mas me lembro do dia em que acordei e comecei a andar (*pela capital paulista*). Fui à casa dos meus amigos que moravam perto do centro (*da cidade*), na avenida Brigadeiro Luiz Antônio, quase esquina com a rua Maria Paula. Quando eu saí e comecei a andar por aquela cidade, que cheguei na Praça (*da República*), na Avenida Ipiranga, é que eu tive um choque! Foi um choque de ver a dimensão daquela cidade. O estranhamento era total. Tinha de aprender a andar de ônibus, tinha que procurar emprego. Na época, o maior *Classificados* (*caderno de jornal*) era do *Estadão* (*jornal Estado de São Paulo*). Você tinha de procurar emprego, recortar e no outro dia telefonar. Eu tinha de

fazer isso sozinho, sem conhecer absolutamente nada. É interessante... Aqui em Fortaleza eu não sei o nome de rua nenhuma, só sei as coisas pelo rumo. Em São Paulo sei o nome de um monte de rua do bairro em que morava e de outros bairros, porque tinha de me virar sozinho. Foi impactante. Não tenha a menor dúvida. Foi impactante!

Messias – Plínio, você pensou em desistir de morar em São Paulo e voltar para o interior em algum momento?

Plínio – Nunca! Nunca! Nunca! Enfim, isso de eu dizer de não planejar, mas planejar voltar, não. Hoje, talvez... Na época eu não pensava nisso.

Giulianne – Durante o período de produção desta entrevista, você disse que se formou leitor a partir de gibis, revistas, jornais velhos do seu pai. Até que ponto sua família apoiou ou influenciou você a se tornar um jornalista?

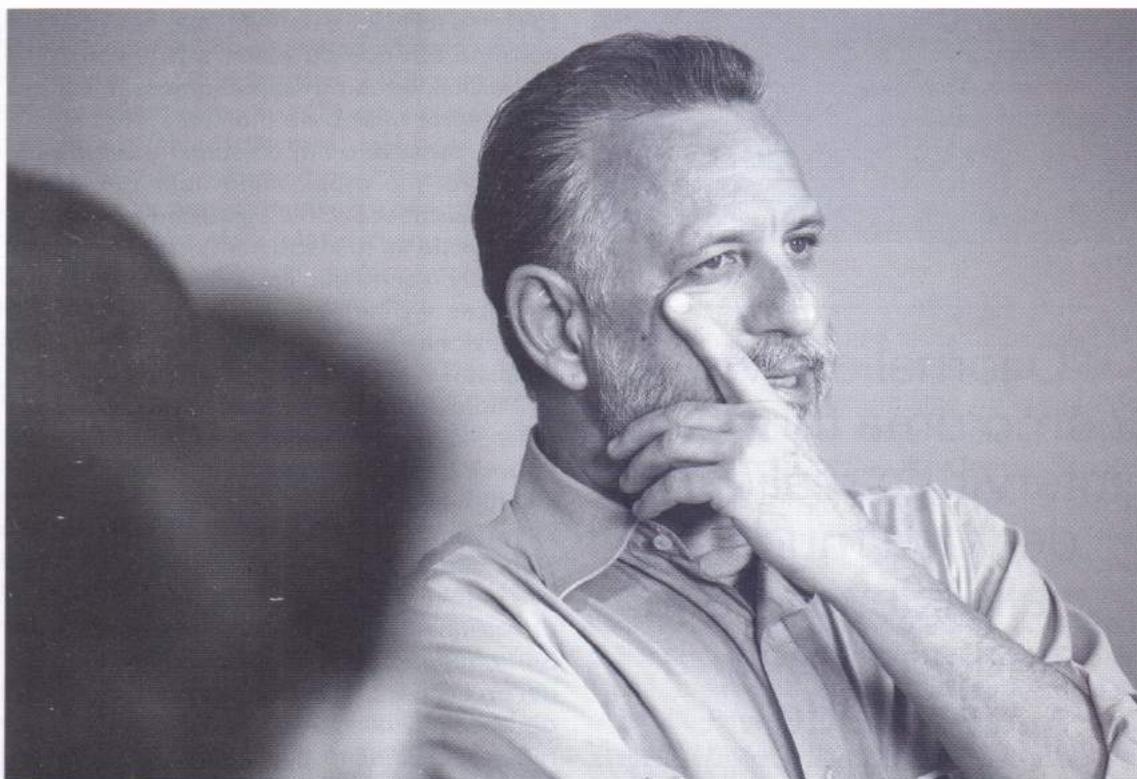
Plínio – Minha família não é uma família de leitores. Não é. Eu comecei a ler assim mesmo, lia muito gibis. Cada época tem seus

fantasmas. As vizinhas ficavam (*dizendo*): “Ah, só quer ler gibi, só quer ler gibi!” Hoje é: “Ah, só televisão, só internet!” Cada época tem seus problemas. Na minha época o que era o problema, se alguém lesse muito, era gibi. Meus pais nunca proibiram. Meu pai, quando podia, comprava, inclusive. Lá onde eu morava tinha uma sessão chamada o matinhê, era sessão do domingo, de duas horas da tarde. Você chegava à porta do cinema uma ou duas horas antes e era cheio de meninos e até adultos trocando gibis, porque o pessoal não tinha muita grana para comprar. Então você lia e depois trocava ou comprava eventualmente um gibi usado. Eu lia muito gibi. Eu sinto muito não ter continuado lendo gibis porque são muito interessantes. Gostava de ler *O Fantasma: o espírito que anda*, achava fascinante!

Depois achei que estava ficando muito bom leitor porque eu comecei a ler aqueles livrinhos de bolso que não têm figura! Aí falei: “Ah, agora sim estou me tornando um lei-

A pré-entrevista com o Plínio aconteceu em sua sala, na sede do jornal *O Povo*. A conversa foi interrompida algumas vezes pelas chamadas do telefone. Desconfortável, Plínio bloqueou as chamadas para dedicar atenção à equipe de produção.

“Quando eu saí e comecei a andar por aquela cidade, que cheguei na Praça, na Avenida Ipiranga, é que eu tive um choque. Foi um choque de ver a dimensão daquela cidade.”



A entrevista aconteceu no estúdio de telejornalismo. Marcada para as 14h30min, atrasou aproximadamente 15 minutos devido à burocracia do estacionamento no campus.

No processo de pré-produção, a equipe descobriu que Plínio guiava uma motocicleta. Usava o transporte no tempo em que trabalhou no Sindicato dos Bancários para se deslocar com mais facilidade. Após a entrevista, ele revelou que sofreu dois acidentes.

tor bom porque estou lendo esses livrinhos!" Ainda hoje tem deles, eu vejo nas lojas, os livrinhos de *bang-bang*, de espionagem. Depois comecei a ler jornal. Mas eu comecei a ler jornal com rigor... É engraçado! Eu fazia cursinho num colégio muito grande em São Paulo, chamado Objetivo. Eu tinha alguns professores oriundos do movimento de 1968 (*período de manifestação popular contra o regime militar. Um dos destaques da data é a passeata dos 100 mil, organizada pelo movimento estudantil, no Rio de Janeiro*). Tinham professores que sempre falavam de política ainda de uma forma sem ser muito direta e tinha um professor que dizia para a gente ler jornal: "Vocês têm de ler jornal! Têm de ler jornal! Têm de ler jornal todo dia!" E eu tomei para mim aquela tarefa de não mais ser um leitor eventual, mas ser um leitor diário de jornal. Tinha 18 ou 19 anos e comecei a ler jornal diariamente. Pensei: "Por que não? Por que não fazer uma faculdade de jornalismo?"

Letícia – Você disse que os professores do cursinho o influenciaram. O que chamou a atenção no jornalismo daquela época para você querer fazer parte disso também?

Plínio – Na época existia a imprensa alternativa, também nesse período. O jornal era visto como uma forma de intervir na realidade, de você mudar a realidade, de você ajudar a mudar a realidade. Depois que entrei na faculdade comecei a participar do movimento estudantil, eu lia vários jornais alternativos e da chamada grande imprensa também. Os jornais participaram muito daquilo e, com o início da abertura política, os jornais foram ganhando essa importância que têm hoje. Hoje é mais questionada (*a importância dos jornais na formação política*), mas teve um período em que não havia esse questionamento tão presente dos jornais. Você sempre tinha os jornais da imprensa alternativa e eram bons jornais; depois se acabaram como todos.

"O jornal era visto como uma forma de intervir na realidade, de você mudar a realidade, de você ajudar a mudar a realidade".

Nonato Lima, diretor Institucional e de Marketing da UFC, é um dos amigos de Plínio desde o período de atuação sindical. Foi Nonato quem revelou o passado do Plínio como motociclista. "Só tive coragem de andar com o Plínio (*na moto*) uma vez".

Eram *O Movimento, Opinião, Coojornal, Lâmpião de Esquina...* Esse acho que foi o primeiro jornal que tratava sobre gays no Brasil.

Giulianne – Na capital paulista você ingressou na universidade em um momento bem intenso da política nacional. Quais as principais lembranças e aprendizados desse período da reabertura democrática para você como universitário?

Plínio – Eu estudei em escola privada por causa das contingências que já falei aqui. Não tinha tempo para me preparar para uma escola pública e depois não teria tempo para fazer uma escola pública, dedicar esse tempo que às vezes você precisa dedicar. Tinha de estudar à noite. Vi esse movimento acontecer e participei dele. Era uma coisa bastante interessante na época, já que normalmente só as escolas públicas participam mais do movimento estudantil, mas nesse período que foi muito efervescente era uma participação quase que generalizada. A minha faculdade era uma faculdade pequena, isolada, depois foi adquirida por aquele grupo FMU, Faculdades Metropolitanas Unidas. Deve ser uma das maiores universidades privadas de lá. Era uma faculdade com 500 ou 600 alunos e a gente fez várias greves. Foi nesse período a reabertura da UNE (*União Nacional dos Estudantes*), o nascimento da CUT (*Central Única dos Trabalhadores*) e do PT (*Partido dos Trabalhadores*). De algum modo, eu participei de tudo isso, não como direção, mas participei de núcleos de fundação do PT, núcleos de fundação da CUT. Eu militava numa corrente trotskista e a gente estudava muito política. Os grupos trotskistas se preocupavam muito com a formação do militante. Inclusive, na corrente em que eu militava (*Convergência Socialista*), tinha o núcleo homossexual, núcleo negro, núcleo de mulheres. A gente se reunia, passava o fim de semana estudando e isso foi me propiciando abrir um pouco a minha cabeça. Sou agradecido pelo fato também de ter militado numa corrente de esquerda. Eu acho que aprendi bastante.

Lucas – E hoje, que espaço na sua vida profissional tem essa ideologia marxista-leninista?

Plínio – Já escrevi sobre isso. Continuo me considerando uma pessoa de esquerda ao modo que diz o Norberto Bobbio, um filósofo italiano. Ele escreveu um livro muito interessante (*Direita e Esquerda - Razões e significados de uma distinção política*) em que ele diz que quem é de esquerda demanda mais pela igualdade, e eu me sinto assim. Sou uma pessoa que demanda pela igualdade. Eu acho que não pode existir um mundo de absoluta concorrência ou absoluta meritocracia. Eu acho que uma sociedade que

se preza tem de socorrer os mais pobres, os que não podem tanto. Nesse aspecto continuo me considerando uma pessoa de esquerda, mas não vinculado a nenhum tipo de corrente. Porque também acho que, quando você se vincula a uma corrente, você perde um pouco a capacidade de crítica. Tanto é que se você acompanhar o que escrevo tem gente que diz que sou do PT, depois do PSDB (*Partido da Social Democracia Brasileira*). Quando fiz o comentário dizendo que achava absurdo que não deixassem a Yoani Sánchez falar (*blogueira cubana que ganhou notoriedade mundial fazendo críticas à realidade do seu país e foi alvo de manifestações em visita ao Brasil em 2013*), sendo que ela tem o direito de falar, teve um cara que disse no Twitter que eu era agente da CIA. Então, me colocam nas coisas mais diversas do espectro ideológico, mas eu sei onde estou, o importante é isso. Eu sempre digo que o importante não é ficar fora das estruturas, mas é você saber entrar e sair delas com dignidade.

Igor – Na pré-entrevista você falou que trabalhava em serviços burocráticos em São Paulo. Como você se sentia trabalhando em serviços burocráticos, atuando em movimento estudantil e lutando contra o sistema vigente? Não era sufocante para você?

Plínio – Sufocante era, mas não é uma contradição. Você pode trabalhar em qualquer profissão e ser um militante ou não ser. Na época era o que eu sabia fazer. Quando fiz 16 anos, comecei a trabalhar como auxiliar de escritório em uma empresa que tinha na minha cidade (*em Fernandópolis, onde passou a adolescência*). Quando fui para São Paulo, continuei fazendo isso. O meu objetivo qual era? Aí começaram a entrar as contingências da vida, né? O meu objetivo era terminar a faculdade, mas dois anos antes de eu concluir, passei no concurso da Caixa Econômica e para mim foi uma tranquilidade em termos de salário. Mas a minha intenção era terminar a faculdade, trabalhar como jornalista e deixar a Caixa Econômica. É aí que entram as contingências da vida: tive uma filha (*Nadja Bortolotti*) em 1980. Nossa vida era muito maluca lá, trabalhava o dia inteiro, militava à noite, então resolvi me mudar aqui para o Ceará. Mudei para Fortaleza e consegui minha transferência da Caixa Econômica para cá. Quando me mudei, ainda militava na Convergência Socialista. Quando você milita numa organização comunista trotskista, você está mais ou menos submetido ao partido do ponto de vista organizacional. Não podia dizer que ia me mudar assim; tinha de ter uma autorização do partido. Eu cheguei e disse: “Não estou conseguindo criar

uma criança aqui”. Eles disseram que tudo bem, mas eu deveria fundar a Convergência Socialista aqui (*em Fortaleza*) e me deram o nome de algumas pessoas que eram antigas militantes trotskistas para que eu procurasse e criasse o partido (*em verdade, o núcleo da Convergência*). Fiz isso. Sou o responsável pela existência do PSTU (*Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado*) aqui no Ceará (*risos*). Depois sai da Convergência e continuei trabalhando na Caixa (*Econômica Federal*).

Letícia – Mas como o Ceará o recebeu?

Plínio – Quando cheguei, fui para a Cai-



xa Econômica, mas não tinha lugar na capital. Então vim transferido e consegui que me mandassem para Maranguape (*município da região metropolitana de Fortaleza*). O primeiro dia em que eu fui trabalhar foi engraçado: cheguei na secretaria ali, na sede da Caixa Econômica, na Praça do Ferreira, e perguntei: “Como faz para ir para Maranguape?” Eles me ensinaram, peguei um ônibus... E vai, vai, vai, vai... Passou ali a Parangaba (*bairro*), passou o Posto Carioca (*localizado na avenida Luiz Vieira, próximo à lagoa do bairro Paragaba*), pararam. Pensei: “Maranguape é aqui, né?” Vi aquele movimento... Aí descí. Daí um cara

Na reunião de pauta, alguns estudantes que já conheciam Plínio apostaram que o entrevistado iria usar a palavra “parcimônia” durante a entrevista. Entretanto, ele não mencionou a palavra nenhuma vez.

Plínio mostrou à equipe de produção o livro lido mais recentemente. Era *Os Homens que Amavam os Cachorros*, do cubano Leonardo Padura, uma ficção que reconstrói a trajetória de Leon Trotsky.

Plínio levou para a pré-entrevista exemplares da revista cultural *Make It New*, que produziu no Sindicato dos Bancários. Orgulhoso do próprio trabalho, emprestou alguns exemplares para a equipe de produção.



“Eu participei de tudo isso, não como direção, mas participei de núcleos de fundação do PT, núcleos de fundação da CUT”.

disse: “Maranguape ainda está longe! Pode pegar outro ônibus!” (*risos*). Daí fui parar em Maranguape, passei dois anos lá!

Messias – Plínio, aproveitando o gancho, o que o Ceará representa para você? Você se identifica em alguma coisa com o cearense?

Plínio – Eu me identifico em tudo com o Ceará, eu durmo de rede! (*risos*) É sério! Eu acho assim que você convive com o lugar que você gosta... Uma vez o Rosemberg (*Carriry, cineasta cearense*) escreveu um texto porque o jornal *O Povo* começou a campanha “Orgulho de ser Cearense”. Ele escreveu dizendo que não havia porque ter orgulho, porque aquilo era meio ufanista e orgulho poderia ser alguma coisa nazista, mais ou menos assim. Eu disse para ele que o orgulho é pelo sentido de pertença que você tem. O orgulho normalmente, não que isso seja necessário, é um acaso, por exemplo, você ser pai ou filho, pertencer a uma família, nascer em um país. Aquela convivência, aquele calor que se cria entre amigos, entre lugares, é que vai criando aquele sentimento de pertença, de orgulho. É diferente esse or-

gulho do orgulho do oprimido, por exemplo. É muito ruim se você diz: “Eu tenho orgulho de ser branco”. Mas, se um movimento diz: “Nós temos orgulhos de sermos negros”, é diferente. Por que é diferente? Porque eles sempre foram massacrados, reduzidos, diminuídos. A mesma coisa do movimento gay. Não tem a Parada do Orgulho Gay? Por que não tem a Parada do Orgulho Macho? Porque nesses setores oprimidos é uma forma de eles dizerem que, apesar de terem sido massacrados por nós, eles são o que são e sentem orgulho de ser isso que são. Não é o caso do cearense, o cearense não precisa se sentir oprimido. É lugar em que eu me adaptei, que eu gosto. Tenho uma filha que nasceu em São Paulo e foi criada aqui, tenho outra filha que nasceu aqui, tenho um neto que nasceu aqui. Aqui não faz frio e eu odeio frio! Às vezes fico recordando, não sei como consegui ficar tanto tempo em São Paulo com tanto frio que faz lá. Nunca me queixo do calor e gosto de tudo que tem aqui, inclusive dormir de rede. Talvez se eu mudasse para Natal, Rio Grande do Norte, pudesse

Plínio mostrou fotos das filhas Nadja Furtado e Bruna Albuquerque e do neto Dante, de dois anos, quando o encontro com os produtores da entrevista na sede do jornal *O Povo* estava se findando.

criar esse mesmo sentimento...

Lucas – Plínio, na época de militante, como você enxergava o jornalismo? Era um meio de atingir os objetivos?

Plínio – Quando eu saí de São Paulo, a Convergência Socialista atuava no movimento estudantil, que estava em ascensão no final da década de 1970. Um pouco antes de eu sair de São Paulo, a Convergência fez um congresso e disse que a próxima onda de ascensão iria ser no movimento operário de trabalhadores. Fizeram uma análise corretíssima! Chamávamos, no jargão da militância, de giro ao movimento operário, ou seja, iríamos pegar militantes profissionais e não profissionais e levar para onde o partido mandasse. A gente chamava a Convergência de partido. Então, eles pegaram os militantes que estavam no movimento estudantil e disseram: “Vocês vão para o ABC”. O Zé Maria de Almeida (*dirigente do PSTU e candidato à Presidência nas eleições de 1998, 2002, 2010 e 2014*) era um dos poucos operários da Convergência. Ele montou um curso de Controle de Qualidade e deu para vários militantes. O pessoal foi pedir emprego no ABC, inclusive pessoas que eram muito minhas amigas. Eu falei: “Já que estou indo para Fortaleza, vou começar a fazer um trabalho no movimento bancário”. Mas olha o que acontece: tinha uma pessoa que era lá da Convergência, hoje ele é da USP, chamado Henrique Carneiro (*atualmente é professor de História Moderna da Universidade de São Paulo e desenvolve pesquisas em História da Alimentação, das Bebidas e das Drogas*). Esse menino tinha uma militância tão forte nessa área do comportamento como a Luizianne Lins (*ex-prefeita de Fortaleza e eleita em 2014 deputada federal pelo Partido dos Trabalhadores no Ceará*).

Na época tinha uma entidade chamada UMES, União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas, e ele (*Henrique Carneiro*) era secundarista. Ele concorreu à UMES e teve

uma votação estrondosa, acho que 70% ou 80% dos votos. Aquilo parece que impactou demais a direção da Convergência e o Comitê Central, então os caras recuaram da proposta de ir para o movimento operário, anularam o que o congresso tinha votado e falaram que íamos militar na juventude. Eu era uma pessoa que já tinha 24 para 25 anos e falaram para mim: “Você vai para o movimento secundarista em Fortaleza”. Foi quando eu comecei a deixar a Convergência. Eu, com 20 e tantos anos, me matriculei num cursinho e comecei a militar. A gente se reunia na sede do DCE (*Diretório Central dos Estudantes, em Fortaleza*), na Rua Clarindo de Queiroz. Eu não me sentia bem com aquilo, já tinha 25 anos e militava com menino de 16, 17 anos. Tinha até umas lendas que eu era engenheiro, médico... Foi quando eu comecei a me afastar um pouco dessa organização, mas foi quando o movimento bancário passou por uma dissensão e eu comecei a me engajar no movimento sindical bancário. Foi em 1989, quando a gente der-

“Sou uma pessoa que demanda pela igualdade. Eu acho que não pode existir um mundo de absoluta concorrência ou absoluta meritocracia”.



O entrevistado sempre busca falar da Mel, gata de estimação. Nas publicações no blog profissional, Plínio também costuma referir-se à gata, principalmente com fotografias do animal.

Dos nove entrevistados, Plínio já conhecia quatro. Larissa Wenya, Leticia Alves, Lucas Barbosa e Igor Cavalcante já haviam participado do curso *Novos Talentos* do jornal *O Povo* em 2014.

Após a entrevista, os alunos se reuniram no estacionamento do Centro de Humanidades II para comentar sobre a entrevista. O professor Ronaldo Salgado se juntou a eles para, segundo ele, pela primeira vez comentar sobre uma entrevista logo após ela acontecer.

rotou o PCB (*Partido Comunista Brasileiro*) e o PCdoB (*Partido Comunista do Brasil*), que controlavam o sindicato.

Larissa – Quando você participava da Convergência Socialista, que depois se transformaria no PSTU, você disse no material de produção que não entendia muito bem o que era aquilo, mas o aprendizado foi bom. Das decisões políticas dentro do grupo, alguma vez você sentiu que algumas decisões não eram bem claras? Você se sentiu enganado de alguma forma?

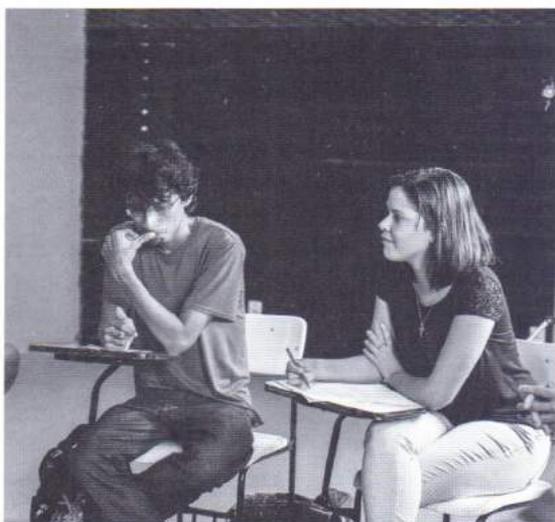
Plínio – Não, algumas decisões eu não compreendia... Eu não compreendi bem a pergunta. Eu compreendia tudo o que se passava, sabia de tudo. Agora, tinham algumas determinações partidárias que você tinha de cumprir. Por exemplo: a gente tinha uma célula, a gente discutia como iríamos fazer uma intervenção na greve. O que foi decidido aqui é o chamado centralismo democrático, se eu perdi eu vou ter de ir lá (*e seguir o que foi decidido*). É uma situação que, às vezes, não é muito confortável, mas esse é o modo do chamado centralismo democrático, que foi criado no partido bolchevique da Rússia e, depois, todos os partidos chamados leninistas (*adotaram*). Eles aplicam o centralismo democrático: o partido decidiu, todos os militantes têm de seguir. Quando eu comecei a militar pela Convergência Socialista na minha faculdade, era um movimento mais ou menos aberto. Você entrava, discutia, conver-

“Leio o jornal e vejo que foram presas várias pessoas que eu conhecia da Convergência Socialista. O que pensei: ‘Na próxima, vão bater na minha porta! Então, estou preso!’”

sava. Eu sabia que tinha em outros lugares e tal. O que aconteceu um dia? Eu acordo, leio o jornal e vejo que foram presas várias pessoas que eu conhecia da Convergência Socialista. O que pensei: “Na próxima, vão bater na minha porta! Então, estou preso!” O que aconteceu? O cara que organizava a frente na minha faculdade chamou a gente e contou a história: “Olha, a Convergência



A frente política na qual Plínio atuava em São Paulo e nos primeiros anos no Ceará era a Convergência Socialista, uma organização trotskista que se destacou no país entre os anos de 1978 e 1992.



Socialista é a frente pública de um partido trotskista chamado PST, Partido Socialista dos Trabalhadores”, que continuava ainda na vida clandestina, então eles abriram a frente pública.

Larissa – Mas até então você não sabia? Você se enganou sem saber?

Plínio – Não sabia. Eu me engajei sabendo que tinha uma linha trotskista e tal, mas não sabia que por trás tinha um partido ainda clandestino.

Larissa – Você se sentiu enganado?

Plínio – Não, porque eu sabia que havia risco mesmo para quem militava. Isso era em 1978, em plena ditadura, mas, depois que prenderam esse monte de gente, a Convergência acabou com a frente clandestina e transformou tudo em Convergência Socialista.

Letícia – Quando contaram essa história, chamaram para se filiar, você aceitou. Você não teve medo de ser preso também?

Plínio – Na verdade não tinha filiação de assinar fichinha. Quando o cara falou: “Quem quiser continuar na Convergência, continua, quem quiser sair, sai e quem quiser entrar no partido, entra”; eu entrei (*para o partido da Convergência Socialista*) porque era muita covardia você sair correndo numa hora daquelas. Mas temeroso sim, porque a gente vivia em plena ditadura ainda. Eu entrei na faculdade em 77 e terminei em 80. O fim da ditadura foi em 1985. Esse período foi chamado de abertura lenta e gradual.

Letícia – Plínio, dos tempos de militância, você ainda acredita em alguma coisa que você defendia?

Plínio – Não. Eu não acredito que uma sociedade comunista nos moldes que a gente teve, ou que se pretende algumas correntes, ela possa resultar em alguma coisa boa. Os exemplos que a gente tem foram terríveis. Então posso dizer que eu acho que nós temos que ter uma sociedade mais igualitária, mas nós não podemos – pensando nessa faculdade mais igualitária – abrir mão da democracia. Porque assim... “Ah, vamos terminar com a democracia durante um período, vai ficar todo mundo igualzinho e depois vem a liberdade”. Eu não creio que isso seja possível, então você tem que fazer as duas coisas de forma concomitante. Mas acredito que a gente pode ter um mundo mais igualitário.

Ana Beatriz – Você entrou no movimento sindical bancário e foi fazendo uma série de pequenas “revoluções”, uma delas é a questão da técnica jornalística (*na imprensa sindical*). Qual a importância disso para a mídia ativista de hoje? Essas mudanças continuam acontecendo?

Plínio – Técnica é técnica. Eu sempre achei

Apesar de ser um jornalista de destaque no cenário cearense e nacional, Plínio Bortolotti se mostrou um pouco desconfortável no primeiro momento da sabatina dos estudantes.

Plínio diz preferir se estender sobre temas profissionais. Aparentemente, nunca havia reconstruído a própria trajetória de vida em uma entrevista, pois sempre destaca que não é “famoso nem artista” para contar o que viveu.

**“Você pode fazer a diferença dos
mais diversos modos: contando
a história bem contada, não
capitulando a preconceitos, ouvindo
as pessoas”.**





Apesar de não creditar nenhuma influência da família na formação profissional como jornalista, Plínio destaca que o primeiro contato com o jornal foi no armazém do pai, no interior de São Paulo.

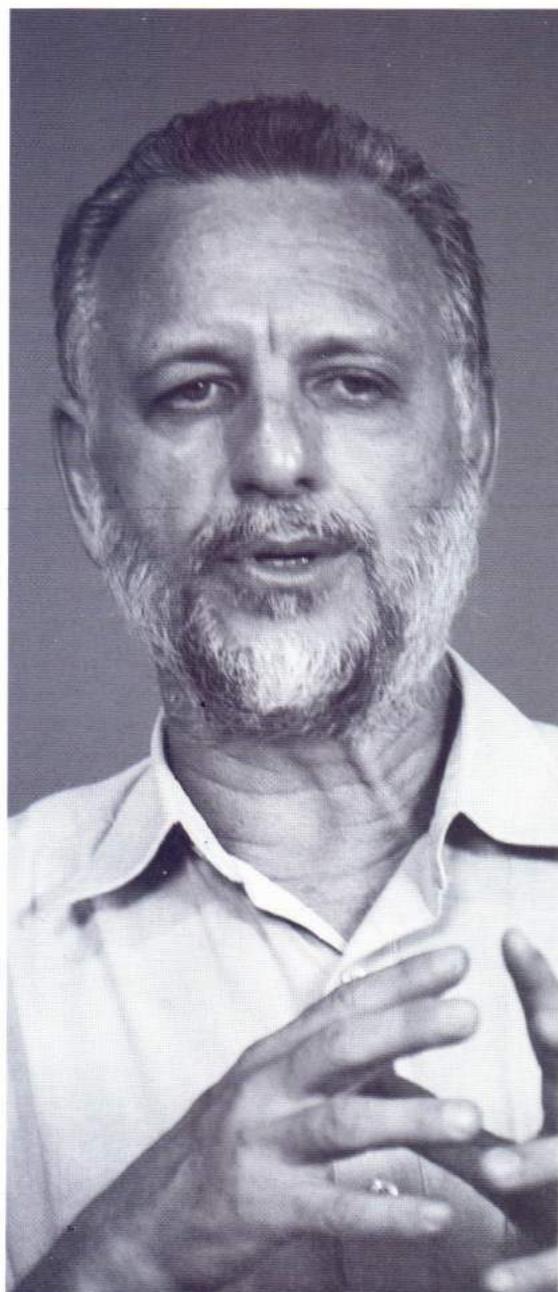
que as boas técnicas do jornalismo tinham de ser utilizadas na mídia sindical também. Quando cheguei ao Sindicato dos Bancários, o jornal era um discurso do começo ao fim. Eu falei: "Não, o jornal é para dar informação". Nós precisamos dar informação às pessoas e era preciso fazer um jornal bem feito, não aquela porcaria feita ali. Eu comecei a implantar essas técnicas lá. O departamento de imprensa sindical do Sindicato dos Bancários foi o primeiro que se profissionalizou no Ceará. Eu comecei a contratar jornalistas sem perguntar ideologia. Obviamente, não podia ser um cara da extrema direita, mas queria saber essa visão geral de mundo, não queria saber se era militante. Se a pessoa tivesse uma visão abrangente, como disse aqui, que via a questão dos trabalhadores como uma questão central, não me importava a ideologia.

Uma coisa que existe muito no movimento sindical é a verborragia. Eu estabeleci a lei de que nenhuma matéria teria mais de mil caracteres e começamos a fazer o jornal assim. Só a entrevista podia ter meia página, era entrevista *ping-pong*. No começo até a entrevista era pequenininha, mas depois eu pensei: "Bom, aí já é demais". Comecei a implantar essas técnicas, dar ao jornal o caráter informativo. Para não ter muita briga, criei outro jornal publicado mensalmente, aí eu deixava o pessoal escrever adoidado. Mas esse aqui (*Tribuna dos Bancários*), publicado semanalmente... Nós precisamos dizer para o bancário alguma coisa. Como é que o cara vai ler um discurso, se o cara está lá no pé do caixa trabalhando e recebe aquele jornal, vai ter de ler um discurso inteirinho para lá no pezinho da página saber que tem uma assembleia? Isso quando lembravam de botar. Então comecei a usar lead, fotos, charges... Comecei a fazer um jornal com as técnicas que um jornal usa.

Depois nós criamos esse programa de rádio (*Rádio Bancários*), que foi outra história, pensei em fazer algo profissionalizado. A gente contratou uma produtora (*Radio Extra*), que era o Nonato Lima (*coordenador de Comunicação e Marketing Institucional da Universidade Federal do Ceará*), a Andrea Pinheiro (*professora na UFC Virtual*) e a Lícia Ribeiro (*na época, estagiária. Atualmente, assessora de Comunicação na empresa Petrobrás. A Rádio Extra era composta também pela professora do curso de Jornalismo da UFC, Márcia Vidal*). Falei: "Vamos pensar um programa de rádio, tipo uma revista para que tenha audiência mais ampliada". O que chegaram a me propor (*no sindicato*) era pegar as tendências que tinham no sindicato e dividir a hora do programa pelo número de

A equipe de produção descobriu que Plínio luta boxe como hobby. Ele também gosta de assistir a filmes e conversou por um bom tempo sobre o tema com os produtores após a pré-entrevista.

"Eu entrei (*para o Partido*) porque era muita covardia você sair correndo numa hora daquelas. Mas temeroso sim, porque a gente vivia em plena ditadura ainda".



Plínio Bortolotti graduou-se em Jornalismo pela Faculdade Integradas Alcântara Machado em 1980, uma instituição privada localizada na capital paulista.



tendências. Você imagina quem ia ouvir esse programa? Então, teve uma disputa muito grande na diretoria, mas implantamos o programa. No começo era uma revista, tinha o humor que era feito pelo Tarcísio Matos (*jornalista e humorista*) e pelo Falcão (*cantor de brega e humorista*). Eles entravam ao vivo e ficavam naquela conversa fiada por cinco minutinhos. A gente dava as mais variadas notícias, incluindo de bancários. Porque, se a gente só falasse para o bancário, era capaz de a gente não ter a audiência nem do bancário. A gente colocou esse programa várias vezes no segundo lugar do Ibope, o que é difícil. Depois foi tendo uma queda e tal, mas ele existiu até um tempo atrás (*o programa saiu do ar em setembro de 2014*).

Messias – Plínio, esse respeito pela técnica jornalística que parece ser uma característica sua até hoje, recebe influência desse trabalho mais técnico que você realizou antes de ser jornalista, desse trabalho mais burocrático?

Plínio – Não, absolutamente não. Tem uma frase do Cláudio Abramo (1923-1987), que foi um dos maiores jornalistas deste país, que fala da técnica e da ética. Ele diz que o jornalismo é uma profissão que se caracteriza pela ética, e não pela técnica, mas você precisa da técnica. Não adianta nada um jornalista ético que não saiba escrever, que não saiba transmitir, que não saiba comunicar aquilo que está vendo. Não adianta. Mas, obviamente, a técnica sem a ética não é nada. Acho que essas coisas são bem com-

plementares. Agora, para tudo o que você faz, você tem de usar a técnica. O restante, a abertura, o talento, a vocação são outras coisas. Técnica, vocação e talento são três coisas diferentes, e ética também. Esse negócio de vocação... Eu sempre quis trabalhar, sempre não; desde que eu fui para a faculdade, queria trabalhar com jornalismo. Logo que eu terminei, vim para cá (*Fortaleza*). Continuei na Caixa Econômica. Não tinha como ter outra alternativa de trabalho, comecei a militar no movimento bancário, fiquei dois mandatos, aí falei: “Já fiquei até aqui na Caixa, vou me aposentar aqui”. Olha só como as coisas são: começou aqueles PDVs, Programa de Demissão Voluntária, nos bancos e entidades públicas. Eu tinha 40 anos, duas filhas; falei para minha mulher: “Vou sair da Caixa Econômica e trabalhar como jornalista. Você fica aí para garantir a cervejinha das crianças”. Ela era funcionária da Caixa também. Até então, minha experiência tinha sido no jornalismo sindical e eu trabalhei dois anos ou três anos no JD (*Jornal do Dorian, sediado no bairro Benfica. O proprietário era o jornalista e ex-deputado Dorian Sampaio, nascido no Rio de Janeiro, mas radicado no Ceará. O jornal funcionou de 1985 a 1989*). O Jornal do Dorian era um jornal, pode-se chamar, da imprensa tradicional, mas era um jornal pequeno, frente ao *O Povo* e ao *Diário (do Nordeste)*. Depois eu saí do Jornal (do Dorian) e fiz um monte de coisa: voltei e ajudei a reorganizar a imprensa do Sindicato (*dos Bancários*), trabalhei como assessoria,

Em 1995, concluiu pós-graduação em Teoria da Comunicação e da Imagem pela Universidade Federal do Ceará (UFC). É lá que conhece a esposa de Demócrito Dumar, presidente do jornal *O Povo*, onde iria trabalhar posteriormente.

Demócrito Dummar costumava esperar a esposa na porta da UFC. Plínio acabou fazendo amizade com ele. Anos depois, Demócrito reencontrou Plínio dentro da redação do *O Povo*.

fui assessor do Sindicato dos Eletricitários, fiz um monte de jornal sindical avulso. Com 40 anos entro como repórter do jornal *O Povo*. Como repórter, eu tinha vocação, eu queria exercer essa profissão. Depois eu comecei a dar aula. Eu me assumi integralmente como jornalista aos 40 anos.

Larissa – Essas mudanças que você fez na área da comunicação do Sindicato dos Bancários foi uma forma de profissionalizar os produtos. Mas também era uma forma de você se aproximar do trabalho de redação?

Plínio – Não, era porque eu achava que aquilo era muito mal feito! (*risos*). Era mal feito. Eu dizia: “Os bancários merecem um jornal bem feito!” Não tinha pretensão de me aproximar de uma redação fazendo aquilo. Não tem como você comparar uma rotina de um jornal, ou com um jornal laboratório ou com jornal sindical, não há como comparar, não há como.

Ana Beatriz – Você falou que vocação, talento e técnica são três coisas diferentes. A gente já falou sobre sua técnica e você acabou de explicar um pouco sobre a sua voca-

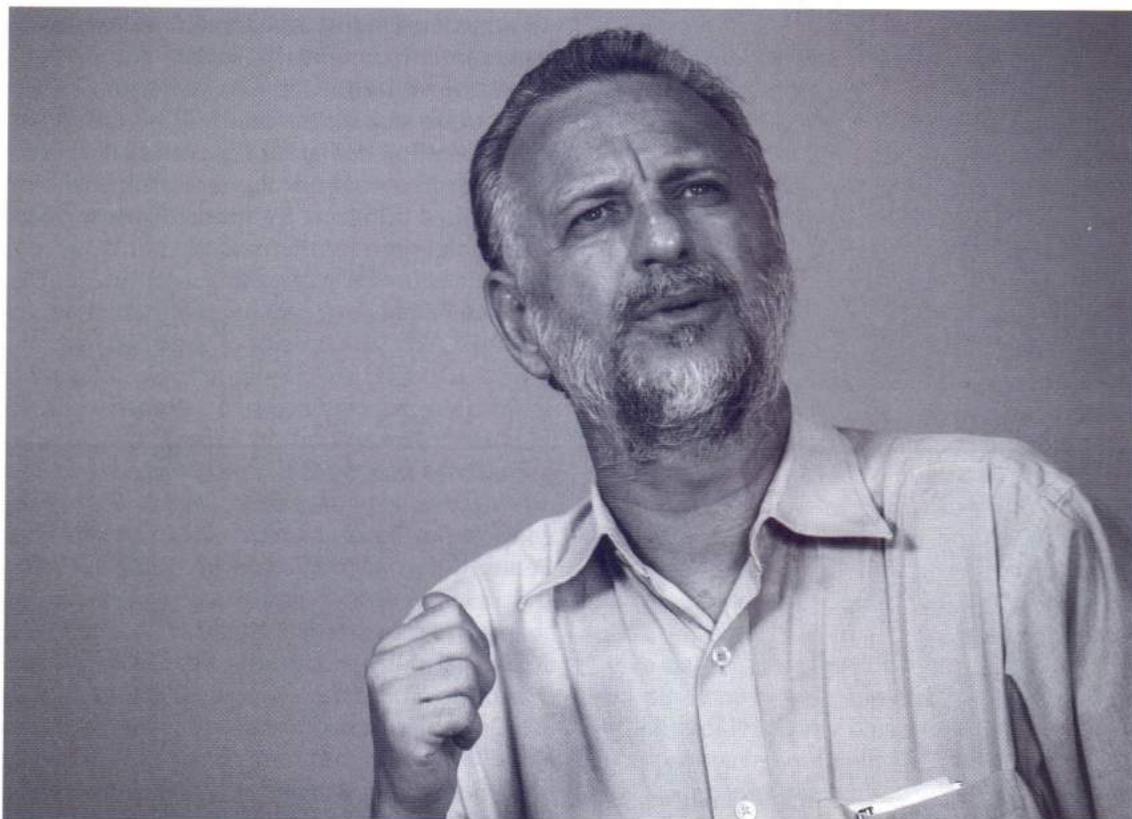
ção, você...

Plínio – (*Agora*) me falta talento, é isso, só isso que me falta, é o principal! (*risos*).

Ana Beatriz – Eu não acredito que você acha que realmente não tenha talento. Então vou partir do pressuposto de que você vê algum talento em si. Em que momento esse talento se revelou?

Plínio – Eu entrei lá (*O Povo*) como repórter, fiquei algum tempo no Brasil-Internacional (*caderno do jornal*), depois editei por um curto período Cotidiano (*caderno do jornal*). No Brasil-Internacional você fica pouco na rua, editando Cotidiano, também, aí me chamaram para editar Opinião (*editoria*), que eu passei uns quatro anos editando. Depois me chamaram para ser ombudsman (*profissional contratado por uma instituição com a função de fazer críticas, sugestões e reclamações à própria empresa contratante, mas também de receber a opinião dos consumidores*). Fiquei três anos como ombudsman, de 2005 a 2007. Quando voltei para a redação, era um período de campanha política para a prefei-

“Eu não acredito que uma sociedade comunista nos moldes que a gente teve, ou que se pretende algumas correntes, ela possa resultar em alguma coisa boa”.

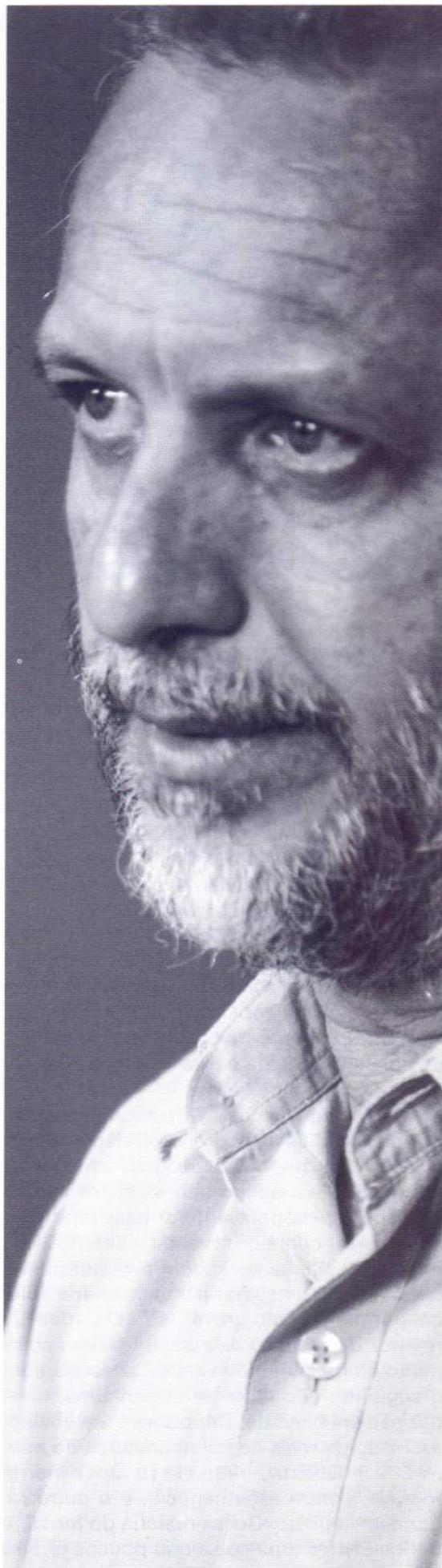


Em 1993, idealizou e criou o programa radiofônico *Rádio Bancários* no Sindicato dos Bancários. O programa, apontado por muitos como uma das “revoluções” de Plínio no sindicato, permaneceu no ar até setembro de 2014.

“Sou o diretor institucional mais estranho do Brasil, porque quando vocês lerem ‘diretor institucional’ em uma revista ou jornal, vocês leiam: *lobbysta*. Que não é o meu caso”.

tura. Pedi para ir para Reportagem Especial, mas a diretora de Redação na época, a Fátima Sudário, disse: “Não. Fica em Política porque está precisando de alguém com mais experiência por lá”. Eu falei: “Ok, então, passando a eleição eu vou para Reportagem Especial”. Fizemos essa combinação em 2007. Em abril (de 2008) morre Demócrito Dummar (*diretor-presidente do Grupo O Povo. Era neto de Demócrito Rocha, fundador do jornal*). A Luciana (*Dummar, filha de Demócrito Dummar*), que é a presidente do jornal (*O Povo*) hoje, com quem eu nunca tinha conversado, me chamou no gabinete e me convidou para trabalhar junto com ela. Era uma situação no jornal que você não podia falar: “Não, não vou fazer isso”. Eu fiquei trabalhando com a Luciana lá. Eu sempre digo, que sou o diretor institucional mais estranho do Brasil, porque quando vocês lerem “diretor institucional” em uma revista ou jornal, leiam: *lobbysta*. Que não é o meu caso (*faz pausa, dando ênfase*). O trabalho que faço lá é quase que um chefe de gabinete. Falo, recebo e converso com as pessoas. Escrevo também um artigo semanal às quintas-feiras, e, aos domingos, no caderno People. Faço intervenção na rádio (*O Povo/CBN*), mantenho o *blog* e o *Twitter*. De vez em quando escrevo alguma reportagem, porque se não vou falar com esses meninos (*se refere aos alunos do curso Novos Talentos que visa treinar estudantes de jornalismo nas práticas de redação*) e não tenho nada para mostrar.

Agora, tem duas questões nesse período em que fui ombudsman que acho que fiz alguma coisa com importância. Uma foi em 2005, naquele posto chamado Petrocar, de



As mudanças feitas por Plínio na comunicação do sindicato, principalmente a técnica jornalística aplicada ao jornal *Tribuna Bancária*, já foram objeto de monografias e dissertações.

Segundo Plínio, a comunicação do Sindicato dos Bancários era extremamente ideológica. Após as mudanças, ele diz com orgulho ter sido criticado por ter muita informação nos produtos jornalísticos sob a responsabilidade dele.

Plínio foi professor de Jornalismo na Faculdade Integrada do Ceará (FIC) e nas Faculdades Nordeste (Fanor), paralelamente à função de repórter no *O Povo*. Atualmente, ele leciona para estudantes do curso Novos Talentos do jornal *O Povo*.



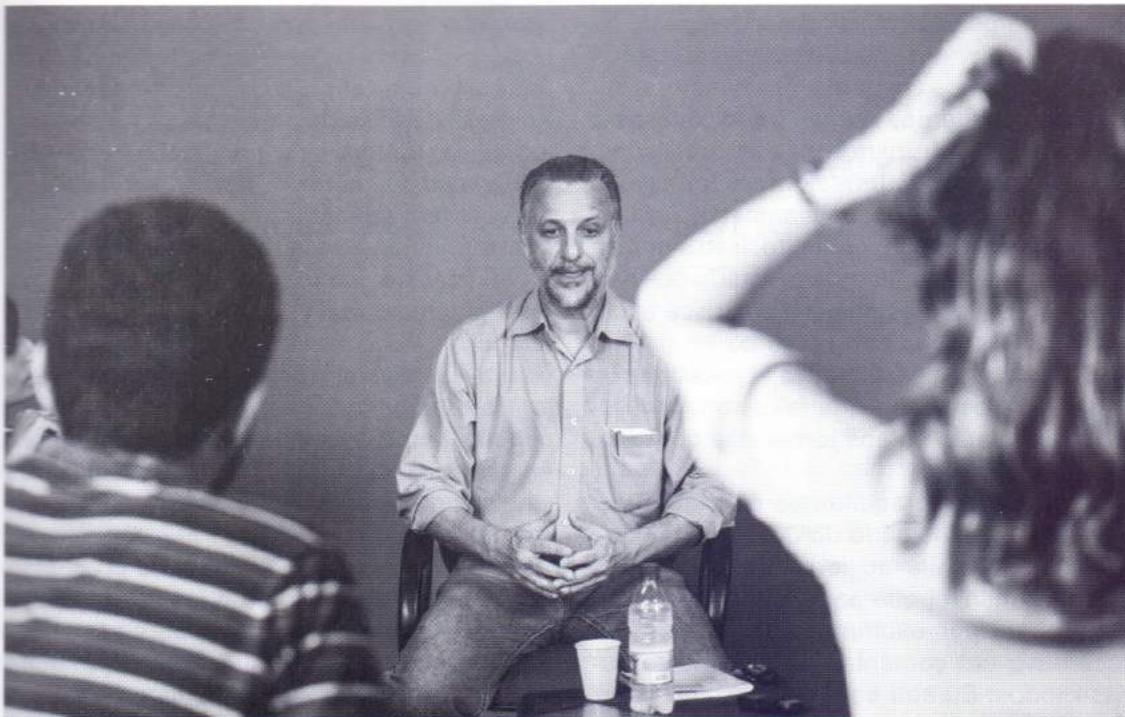
lado da FA7 (*Faculdade 7 de Setembro*), em frente à Unifor (*Universidade de Fortaleza*). Ali, um rapaz de 17 ou 18 anos foi morto. No outro dia, o *Diário (do Nordeste, concorrente do jornal O Povo em Fortaleza)* deu assim: "Bandido é morto em posto de gasolina". *O Povo* deu: "Assaltante é morto em posto de gasolina", alguma coisa assim. Uma pessoa falou comigo e disse: "Olha, não procede, esse rapaz não é assaltante, eu conheço a família". E, quando eu era ombudsman, apurava também. Conversei com o cunhado dele e o cara me contou a história. Ele disse que os dois rapazes estavam bebendo, resolveram sair e foram beber no posto de gasolina. Acabou a cerveja, o menino entrou na loja de conveniência, o guarda se assustou e *pá!* Atirou, matou o moleque.

Aí foi lá aquele chefe de policiamento que era hipermediático, (*coronel*) Deladier Feitosa, ele falou que o rapaz estava armado, falou que ele e o amigo que foi preso tinham passagem pela polícia. Pedi para uma pessoa que eu conheço levantar os dados, nenhum deles tinha passagem pela polícia. Eu falei: "Não vou esperar para escrever a coluna, porque é muito grave isso". O Carlos Ely (*diretor de redação na época*) fez uma coisa muito boa; ele mandou apurar. Descobriram o seguinte: não tinha arma nenhuma, o rapaz não era bandido. Depois teve um abaixo-assinado de mais de mil assinaturas do bairro Edson Queiroz, onde ele (*o rapaz morto*) morava, contra esse negócio, e o outro rapaz estava preso. Dessa matéria do jornal, o Carlos Ely fez uma coisa que poucos jornais

fazem; ele escreveu um artigo dizendo que o jornal tinha errado e pediu desculpa à família. A partir disso, o promotor pediu a soltura do rapaz que estava preso como assaltante. O rapaz que morreu, acabou-se; mas o outro foi solto.

O outro caso que teve uma polêmica muito grande – esse eu tive uma briga imensa com o Dudu (*Ildefonso Rodrigues, diretor editor do Diário do Nordeste*) – era de um policial que foi assassinado. Ele participava, segundo consta, de um grupo de extorsão. Foi assassinado, na chamada linguagem policial, por queima de arquivo, porque tinha matado um comerciante que tinha denunciado a extorsão de um grupo criminoso que tinha policiais dentro. Esse cara namorava uma menina de 17 anos e a polícia começou a interrogar essa menina. O *Diário (do Nordeste)* um dia publicou uma matéria que dava as características que levavam a essa menina. Dois dias depois da matéria ser publicada ela foi assassinada. Nesse período, eu vi que uma matéria de um promotor chamado Jarlan (*Barroso Botelho, do Ministério Público Estadual*) tinha saído. A declaração no *O Povo* era assim: "Um dos responsáveis da morte dessa menina foi a imprensa". E eu falei: "Não é possível, o promotor disse e eu não vou deixar passar batido, vou fazer uma crítica ao jornal (*O Povo*)". Pensei no que *O Povo* fez de errado para esse promotor ter feito essa acusação tão séria. Ligo para o promotor e ele disse: "Não, eu não disse a imprensa, não! Eu disse *Diário do Nordeste!*" Porque o *Diário* tinha publicado uma matéria

O entrevistado foi diretor da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) entre os anos de 2008 e 2011. A associação foi criada em 2003 por iniciativa de jornalistas para trocar experiências de reportagens.



O título de Cidadão Cearense, concedido em 2010, é motivo de orgulho. Plínio destaca a importância e o carinho que tem pela condecoração. Ele costuma ressaltar o fato de ter sido indicado ao título por um deputado com quem tem pouca proximidade.

que não dava o nome da menina, mas dava as características. Eu falei: "Não vou recuar. Eu ia escrever se fosse *O Povo*, vou escrever sendo o *Diário*".

Liguei para o Dudu (*risos*). Ele ficou furioso, dizendo que não era nem para ter dito que eu tinha falado com ele na coluna, que eu não deveria escrever a coluna, que eu não tinha nada a ver com isso, que eu não era ombudsman do *Diário*. Escrevi a coluna contando essa história. O *Diário* publicou uma nota me criticando, pela primeira vez citaram *O Povo*, dizendo que não era aquilo, pegaram declaração da Déborah Lima, que era presidente do Sindicato (*dos Jornalistas à época*) e do Hélio Leitão, que era presidente da OAB (*à época*). Eles deram declaração do direito que a imprensa tinha de publicar aquilo mesmo sendo segredo de justiça. Eu também acho que você pode publicar coisa que é segredo de justiça, porque o dever de guardar a justiça é do funcionário público, não do jornalista. Mas você não tem o direito de pôr em risco a vida de uma pessoa! Você tem o direito, mas você não deve! Isso deu uma polêmica imensa, eu escrevi umas duas ou três colunas sobre isso. Quer dizer, se eu tenho uma informação que, se eu publico, pode levar a morte de uma pessoa, eu não acho que deva ser publicada. Aí que entra essa questão da ética.

Giulianne - Plínio, então foi como ombudsman que você descobriu o talento, esse que a Ana Beatriz perguntou?

Plínio - Não, eu acho que eu não tenho tanto talento assim. Eu vou dizer para vocês:

eu sou esforçado e sou obsessivo quando faço alguma coisa. Talento, essas coisas assim, que é quando o cara senta na máquina e *bruuuu*, não faço. Tudo é muito suado, é muito suado, tudo que eu faço é muito suado. É com muito esforço.

Felipe - Mas a partir dessa experiência como ombudsman, você consegue apontar algum motivo pelo qual seja uma posição tão rara no Brasil? O jornal *O Povo* é uma exceção.

Plínio - É, tem *O Povo* e a *Folha* (*de São Paulo*). Não, ombudsman incomoda demais, aliás, "ombudsman é marketing", dizem. Eu digo o seguinte: é o primeiro instrumento de marketing que eu vejo tão pouca gente usar, porque é óbvio que o jornal que tem ombudsman faz propaganda, dizendo que é um jornal mais aberto, óbvio que faz. Agora, se fosse instrumento de marketing assim tão bom, você acha que só tinha dois jornais usando?

Letícia - Plínio, como é que você analisa o jornalismo cearense?

Plínio - Vou dizer isso genericamente: Quanto mais interesse um jornal tem, menos livre ele pode ser. Eu acho que se as empresas que só dedicam à comunicação, e isso é cada vez mais raro, têm condições de fazer um trabalho de forma mais independente. Se tem um monte de interesses empresariais envolvidos, ela tem menos independência para fazer o seu trabalho. Tem uma frase do (*escritor*) Graciliano Ramos que eu tomo para mim como um exemplo do que a gente pode fazer. O Graciliano Ramos diz o seguinte: "Liberdade completa ninguém desfruta: começamos oprimidos pela sinta-

"Confesso que tinha o secreto desejo de ser considerado, de direito, cidadão do Ceará; pois, de fato, há muito tempo já me considero assim", disse Plínio em seu blog após receber o título.

Muito reservado, Plínio evita demonstrar emoções e expor a vida pessoal. Encara a trajetória bem sucedida com a naturalidade de quem trabalhou bastante para alcançar tal.

xe e acabamos às voltas com a Delegacia de Ordem Política e Social, mas, nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda nos podemos mexer". Isso vale para tudo! Para tudo e para todas as profissões. No jornalismo você tem algumas limitações de várias ordens, existem circunstâncias que colocam você em um contexto, isso significa que essa chamada "liberdade total" você não tem. Agora, você estabelece sua risca ética, você diz: "Daqui eu não passo".

Camila – Além da ética, quais outros princípios você acha que falta aos jornalistas de hoje, não só aos jornalistas do jornal impresso?

Plínio – Não, é aquilo que eu digo. Basicamente, estou falando de qualidade. O que eu acho que falta ao jornalismo brasileiro hoje, por incrível que pareça, é diversidade. Você pega, por exemplo, a rádio *CBN*, se você ouvir um comentarista, é como se ouvisse todos. Eu sou contra o pessoal dizer: "Sou contra a regulamentação da profissão porque não é possível que a *Veja* (revista) continue fazendo o que está fazendo". Ora, na regulamentação que eu entendo, a *Veja* vai continuar fazendo o que está fazendo, porque você não vai poder ter censura. Você pode ter uma regulamentação que propicie o aumento da diversidade, principalmente na radiodifusão, rádio e tv, que propicie que se abram mais televisões, que você não entregue televisão na mão da igreja, qualquer que seja ela, que estabeleçam alguns critérios para o funcionamento daquela televisão... Então, acho que o problema é a diversidade, não é o que a *Veja* faz. O problema é ter duas ou três revistas só no Brasil. Nisso eu

acho que tem uma certa responsabilidade da própria esquerda. Por que na década de 1970 tinha uma imprensa alternativa florescente e no Brasil a esquerda nunca conseguiu ter um jornal de importância nacional? Acho que essas repostas também têm de ser dadas. O pessoal fica criticando porque a mídia burguesa é inimiga, mas todo mundo sabe que é. Vai ficar no cantinho se queixando ou vai fazer alguma coisa?

Igor – Você fez um caminho diferente, veio de sindicato, que é quem muitas vezes joga as pedras na imprensa, e foi para a mídia convencional. O que você trouxe de experiência? Você fez muitas "revoluções" na mídia sindical, quais as "revoluções" que você fez na mídia convencional?

Plínio – Nenhuma! Seria muita pretensão minha fazer (*risos*). Mas isso me dá uma visão de tentar entender o que se passa também nos movimentos sociais. Eu acho que você pode fazer um bom trabalho na mídia *Ninja* (rede descentralizada de mídia de esquerda, com atuação em mais de 150 cidades no Brasil) ou trabalhando na *Folha de São Paulo* ou no *Estado de São Paulo*. Algumas coisas dependem de você também. Redação é um local de conflito. Sempre digo o seguinte: não sei tudo que o dono quer, nem tudo que o jornalista quer. A não ser em alguns casos muito extravagantes, mas (*redação*) é um local de conflito.

Às vezes eu digo para os meninos (*refere-se aos alunos dos Novos Talentos*): "Não deixem de estudar". Eu ensino a técnica porque lá a pessoa passa três meses, mas não deixem de estudar, quanto mais vocês estudarem, melhores jornalistas vocês vão ser, menos vocês serão enganados, mais oportunidades vocês vão ter de cimentar e sustentar as suas opiniões. Tem um cara, vocês podem procurar naquele FNPI (*Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano*), a escola de jornalismo que o Gabriel García Marquez fundou em Cartagena das Índias, lá tem um lugar chamado consultório ético, e quem responde nesse consultório ético é o Darío Restrepo, ele é considerado um dos grandes estudiosos da ética no mundo. Eu tenho uma entrevista dele na qual um cara faz a seguinte pergunta: "E um jornalista ético, que trabalha em uma empresa antiética, ele deve sair ou ficar lá?" Ele diz: "Fique, pois se você for um jornalista ético, mesmo em uma empresa antiética, você pode fazer a diferença ali". Eu até acho que discordo, mas você precisa pensar nisso também, fazer a diferença. Fazer a diferença não é só confrontando, brigando com seu chefe. Você pode fazer a diferença dos mais diversos modos: contando a história bem contada, não capitulando a preconcei-

"Talento, essas coisas assim, que é o cara sentar na máquina e bruuuu, não faço. Tudo é muito suado, é muito suado, tudo que eu faço é muito suado. É com muito esforço".

Apesar de ter sido militante político por muitos anos, Plínio acredita que um bom jornalista precisa saber se distanciar de ideologias. Ele fala que costuma ser acusado constantemente de direita e de esquerda. Diz que já foi até acusado de ser agente da Inteligência Americana (CIA).

“O pessoal fica criticando porque a mídia burguesa é inimiga, mas todo mundo sabe que é. Vai ficar no cantinho se queixando ou vai fazer alguma coisa?”.

tos, ouvindo as pessoas...

Messias – Plínio, você fala com muito carinho do curso Novos Talentos. O que esse projeto representa para você? E outra questão: lá você ajuda a formar novos jornalistas. Você também já foi professor universitário, a sua vocação é lecionar?

Plínio – Eu gosto de fazer isso. Os meninos aqui (*refere-se aos entrevistadores presentes que já participaram do curso*) sabem que eu gosto de fazer, mas hoje eu não penso mais nisso, minha idade não permite. Acho que na idade em que estou os professores já estão se aposentando (*risos*). Mas gosto de fazer isso. Eu gosto de conversar, orientar, é uma coisa que me agrada fazer. Eu acho que posso passar um pouco de experiência. Esse projeto é importante porque, se você pegar hoje na redação do jornal *O Povo*, tem várias pessoas que passaram por esse projeto. Se você pegar qualquer redação aqui do Ceará,

muito possivelmente vai ter alguém que passou pelo Novos Talentos. Uma boa parte das pessoas com quem eu falo dizem que isso as ajudou na profissão.

Letícia – Você se considera um jornalista das antigas? Dinossauro, como dizem?

Plínio – Eu me considero no seguinte sentido... Isso é que é uma grande polêmica porque eu acho que é possível você fazer um jornalismo mais baseado na questão factual, mais objetivo e mais isento, com todas as cargas de discussão que têm essas palavras. Perceba que eu não estou dizendo imparcial. Eu acho que tem uma diferença quando você escreve uma notícia, acho que existe sim essa forma, que eu vou chamar, por falta de melhor palavra, mais objetiva, mais isenta, mais descritiva, do que uma outra. A pessoa diz: “Ah, imparcialidade não existe”, concordamos com isso, mas você pode achar uma forma. A técnica e a ética ajudam a fazer de

Quando questionado sobre o comportamento sério e reservado, Plínio diz que a primeira característica é só impressão, mas a segunda faz sentido por considerar a própria vida “desinteressante”.



Quando refere-se a situações de conflito com o jornal concorrente, *Diário do Nordeste*, Plínio sempre ri das anedotas em que se envolve como diretor institucional.

Plínio é um grande defensor do *lead* no jornalismo, ele costuma dar palestras sobre o assunto. Ele costuma dizer que o início do primeiro livro da Bíblia, Gênesis, é o *lead* mais perfeito que existe.

uma forma mais justa. Por isso eu gosto muito de ler o portal da *BBC (de Londres)*, do *El País (da Espanha)* e do *New York Times (de Nova Iorque, Estados Unidos)*, porque eles têm essa forma, chamemos mais neutra, de narrar. Eles respeitam mais a inteligência do leitor, eu acho que isso é respeitar a inteligência do leitor. Essa é a minha pendenga, minha discussão, nessa questão da objetividade. Eu acho que essa narração, vamos chamar de mais neutra, mais objetiva, mais isenta, é possível. Acho que o campo da opinião é separado. Agora, vai ter marcas de opinião nos seus textos? Vai. Você pode também procurar evitar isso ao máximo? Pode. Nesse aspecto eu me considero, se é que se pode, ser um jornalista das antigas ou antigo.

Leticia – Você entrou no jornal *O Povo* só aos 40 anos, uma idade que se a gente for pensar nos jornalistas de hoje...

voltei depois de ser ombudsman, por isso de vez eu quando eu ainda pego algumas matérias para fazer.

Igor – Plínio, você fala de jornalismo de uma maneira muito prática, afinal, você ama mesmo jornalismo? O que ainda o motiva a sair, ir para a rua, mesmo ocupando um cargo de chefia?

Plínio – Digo isso de uma maneira muito prática porque acho que o jornalismo é uma profissão, eu não diria uma profissão como outra qualquer, mas ela não está acima de outras profissões, ela tem as suas características. O trabalho do jornalista é tão importante quanto o trabalho de um gari, de um pescador, de um motorista, cada trabalho tem sua importância. Eu encaro como uma profissão, uma profissão da qual eu gosto, mas não acho que seja uma coisa extraordinária. E o que me motiva, acho que o que motiva o jornalista é a curiosidade de ver as coisas,



Plínio –... O cara já está acabado (*risos*)...

Leticia –... Já está cansado. Você se arrepende de ter feito isso tão tarde? Você teria começado antes?

Plínio – Você sabe que quem olha para trás vira estátua de sal, né? Eu não fico me arrependendo das coisas que eu fiz ou deixei de fazer, mas, sei lá, minha vida certamente teria tomado outro rumo, isso ninguém sabe. Quando você toma um rumo na sua vida, você deixa de tomar milhões de outros, não tem como saber, mas me arrepender, não. Como diz o *Eclesiastes (livro bíblico)*: “Tudo tem seu tempo”. Aliás, se vocês quiserem saber o resumo da vida humana, podem ler o *Eclesiastes*, está tudo ali.

Messias – Mas você gostaria de ter sido repórter de rua por mais tempo?

Plínio – Pois é, isso talvez, sim! Era para o que eu estava me preparando para quando

de querer ver.

Giulianne – Essa curiosidade aguçada foi o que o fez ganhar um *Esso* em 1999?

Plínio – Isso foi um acaso. Eu estava na editoria de *Cotidiano* quando o Fernando Henrique Cardoso (*Presidente da República, à época*) nomeou um cara chamado João Batista Campelo como diretor-geral da Polícia Federal. Começou aquela história de que ele era torturador, ficou aquele rolo, mas ele sempre negando. Um dia nós recebemos um dossiê no jornal mostrando que ele tinha presidido um inquérito em que o padre José Antônio Monteiro havia sido torturado. Ele nunca tinha admitido ter presidido inquérito, nada. A Fátima (*Sudário, então diretora de redação*) falou: “Plínio, vê se você consegue falar com o Campelo sobre isso”. Na época, era uma fonte minha o presidente do Sindicato dos Policiais da Polícia Federal. Eu

O entrevistado é um admirador do estilo de escrita de Graciliano Ramos. Constantemente se refere a obras do autor e à forma descritiva com a qual o escritor narra as histórias.

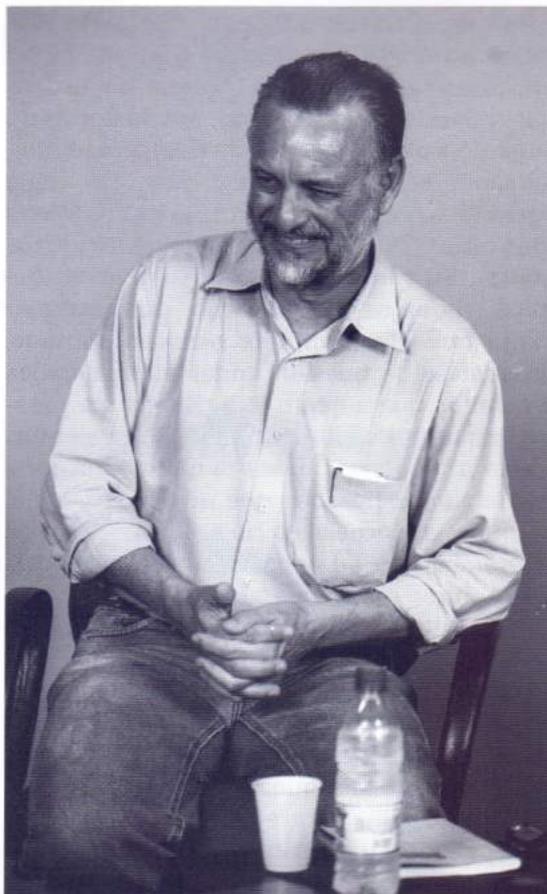
liguei para ele e disse: "Você tem o telefone do Campelo?" Ele disse: "Não, mas tenho do cara que anda do lado dele". "Você pode me dar?" "Posso". Eu liguei, era tipo um ajudante de ordens, falei: "Eu poderia falar com o delegado Campelo?" Ele: "Não, o que era?" Eu falei: "A gente quer falar com ele sobre essa acusação de tortura". "Ele não fala sobre isso". Eu falei: "Mas eu tenho o inquérito aqui dizendo que ele presidiu um inquérito". O cara: "Ah, você tem isso?" "Tenho". "Que número que é esse inquérito?" Ele perguntou para saber se eu tinha mesmo. "Eu vou falar com ele". Não demorou cinco minutos e o Campelo me liga. Ele falou: "Você está com esse inquérito?" Eu disse: "Estou". "Leia o começo aí para mim". Eu li e ele disse: "Ah, tá bom". Então ele falou: "Eu presidi o inquérito, mas nunca torturei e nem vi que alguém tivesse torturado esse padre". Mas ele presidiu o inquérito. Foi essa matéria do jornal que levou à queda dele, a queda do Campelo. Os repórteres, alguns, têm mania de contar vantagem *blah blah*, mas não, isso eu liguei, o cara me atendeu e eu falei com ele, simples assim.

Letícia – Além do Esso, quais outros prêmios sentimentais e simbólicos vocês traz do seu trabalho como jornalista?

Plínio – Não tenho uma coisa grandiosa. Tem algumas coisas que guardo para mim. Uma vez eu recebi ligação de uma pessoa que consultei para fazer uma matéria, que nem era favorável a ela, dizendo: "Estou ligando para te agradecer, pela primeira vez na minha vida eu falei uma coisa para um jornalista e saiu do jeito que eu falei". Por isso que insisto muito com eles (*refere-se aos alunos do Novos Talentos*), respeito com a palavra alheia é fundamental. Outra vez um cara me disse: "Agora eu posso dizer que eu conheço um jornalista". Isso para mim vale muito! Um dia, eu mostrei para os meninos (*refere-se à equipe de produção da entrevista*) lá, chegou uma leitora com uma máquina portátil, ela disse que a máquina era do pai dela, que ela lia o que eu escrevia e queria deixar aquela máquina comigo. Tem umas coisas que me indicam que eu estou fazendo um trabalho decente. Não é um trabalho extraordinário, não é um trabalho que vai ficar na história, talvez um pé de página na história da imprensa cearense. Eu acho que é o meu trabalho, é a minha obrigação.

Letícia – Você falou que acha que só faz seu trabalho decente, mas você tem admiração por algum jornalista que você acha que faz esse trabalho bem?

Plínio – Eu nunca tive ídolos na minha vida. Nunca, nunca, nunca! Nunca preguei um pôster na minha casa, nem mesmo do Trotsky (*risos*). Não tenho ídolos, porque,



Poucos dias antes da entrevista, Plínio compartilhou coincidentemente através da conta no *Twitter* uma matéria produzida pelo jornal *O Povo* sobre o sapateiro Alves, primeiro entrevistado desta edição da *Revista Entrevista*.

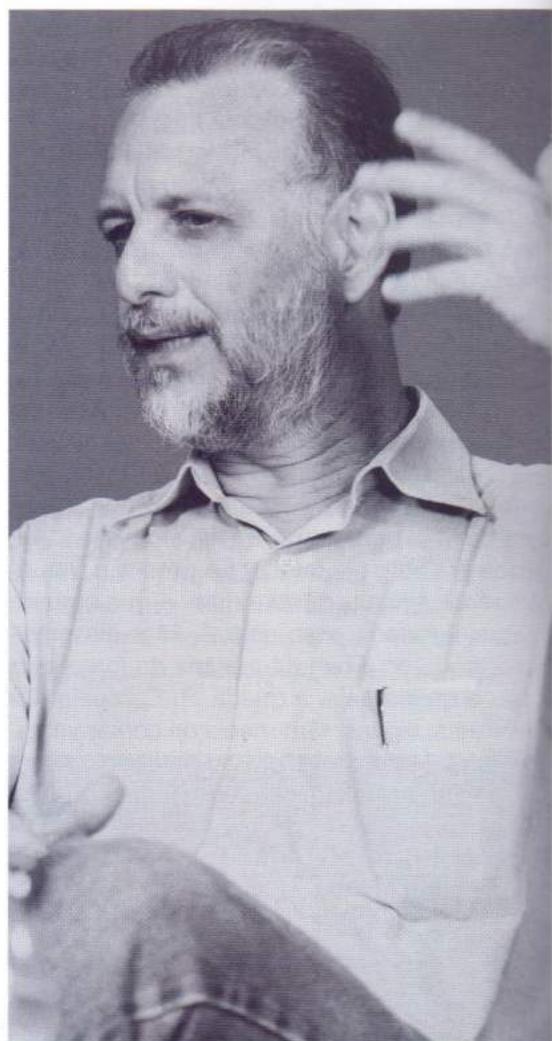
O estúdio de telejornalismo ficou muito frio nos últimos minutos de entrevista. Conversando dias depois, os entrevistadores especularam se o fato de Plínio dizer que odiava o clima de São Paulo foi uma indicação de que estava com frio no estúdio.

Plínio se orgulha de dizer que nunca recebeu uma reclamação sequer a respeito da forma como reproduz as falas dos entrevistados. Ele diz que isso é uma das coisas que mais preza nas matérias.

como diz o Caetano Veloso: "De perto ninguém é normal". Eu acho que eu até puxei um pouco a minha mãe, porque eu lembro que, quando eu era menino, era na época do auge do Roberto Carlos, via minha mãe conversando com as vizinhas e elas: "Oh, dona Teresinha, porque o Roberto Carlos...". Minha mãe dizia: "Dona fulana, é tudo gente igual a gente". Eu sempre tive esse sentimento comigo, todas as pessoas são, por qualquer cargo que elas ocupem, pessoas comuns, no sentido de que têm todas as qualidades e defeitos que a gente tem. Nunca me prostrei em frente a ninguém, nunca me ajoelhei frente a ninguém, nunca tive ídolos. Agora, tem algumas pessoas que eu admiro. Hoje, se pegar os jornalistas hoje é difícil, a única referência que eu acho que é um cara que sabe entrar e sair das estruturas, que sabe fazer seu trabalho ético independentemente de onde ele esteja, é o Caco Barcellos, por exemplo. Ele trabalha na Rede Globo, nunca abriu mão de fazer as coisas de uma forma ética, decente, pelo menos eu acho que não. E outra referência que eu tenho, mas é um jornalista que já morreu, é o Cláudio Abramo, pelas características que ele tinha, por essa mesma coisa, trabalhou a vida inteira na *Folha de São Paulo*, tinha disputas homéricas com a direção do jornal, mas fez a diferença. Foi o Cláudio Abramo que desenhou, do ponto de vista editorial, a *Folha* dos anos 80, que todo mundo adorava. Foi um trabalho dele, trabalhando dentro de um jornal comercial, que todo mundo critica. O que o Cláudio Abramo sabia fazer? Ele sabia entrar e sair das estruturas, resguardando a postura ética dele. Poderia dizer outro jornalista que eu admiro é o Jânio de Freitas.

Messias – Plínio...

Plínio – Eu queria falar uma coisa, para não esquecer de registrar, que eu ganhei um título de Cidadão Cearense, isso eu faço questão que seja registrado, sou cidadão cearense. É interessante porque quem propôs esse título para mim, apesar de eu conhecer vários deputados, foi o ex-deputado Adahil Barreto. Ele foi candidato a prefeito e eu o atendi várias vezes se queixando de matérias do jornal. Eu também tenho essa habilidade de ouvir e conversar com as pessoas. Um dia conversamos, quando ele ia saindo, deu uns três passinhos, voltou e disse: "Plínio, você não é daqui?" Eu disse: "Não". Ele disse: "Você é de onde? É gaúcho?" Todo mundo pensa que sou gaúcho (*risos*). Eu disse: "Não, sou paulista". Ele disse: "Ah, tá bom". E foi embora. Dali um mês ou dois ele me ligou dizendo que tinha proposto o título e tinha sido aprovado. Isso para mim também revela alguma coisa, se um amigo meu tives-

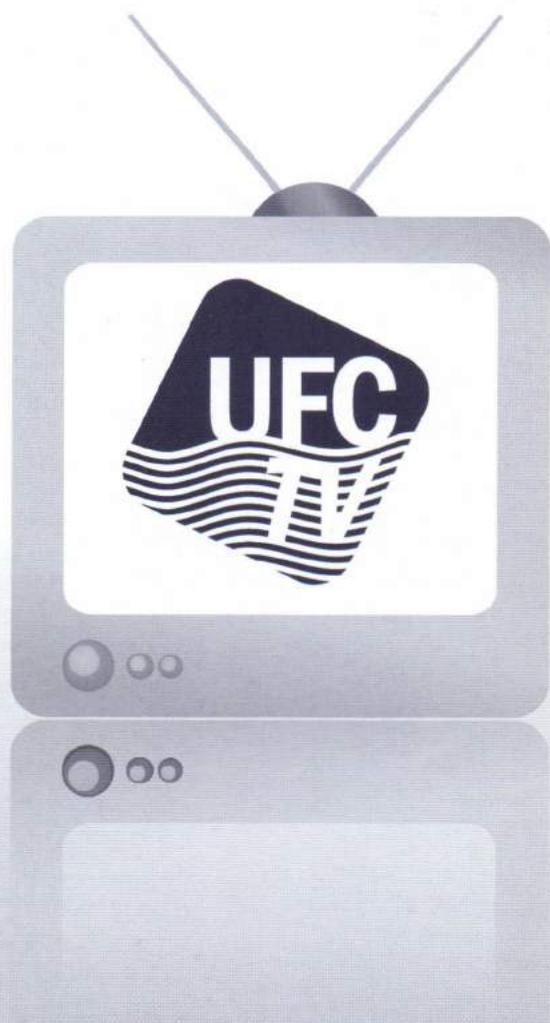


se me proposto isso, eu ia aceitar, lógico que eu ia (*risos*), mas acho que não teria o mesmo valor de uma pessoa que... Eu cheguei a ter confronto com o Adahil, e ele reconheceu que eu fiz meu trabalho com decência, com ética, com justiça, que hoje contam pouco, enfim...

Ana Beatriz – Uma coisa que você falou foi que as coisas na sua vida foram acontecendo, você não planejava muito o futuro. Acredito que isso não lhe impeça de sonhar, em todos os momentos você viu um pouquinho além do esperado, e, hoje, com o que você sonha?

Plínio – Ah, talvez mudar para uma cidade menor ainda (*risos*). Vai chegando o seu tempo, acho que é mais ou menos assim na vida de todo mundo, em tudo que você faz. Chegou meu tempo de morar em São Paulo, chegou meu tempo de mudar para Fortaleza, chegou meu tempo de deixar de ser bancário, chegou meu tempo de ser jornalista. Como eu ainda não tenho muita vontade de morrer cedo, espero que cheguem outros tempos para mim. Porque dizem que a morte é complicado porque é por muito tempo (*risos*).

Apesar dele tratar com naturalidade o ato de lecionar, os entrevistados perceberam que Plínio costuma falar como se estivesse se referindo a alunos, dando dicas e lições de jornalismo.



**A UFC em pauta
você confere
no programa UFCTV.**

Todo domingo, às 12h30min, na TV Ceará;
reprise às segundas, 18h.*